

Ano 11, Vol XXI, Número 2, Jul-Dez, 2018, Pág.98-114.

TRABALHADORAS DAS MATAS: O TRABALHO FEMININO NOS SERINGAIS DO AMAZONAS (1940-1950)

Agda Lima Brito

Resumo: Buscamos investigar como foi a participação das mulheres nos espaços de trabalho dos seringais dentro da região do Estado do Amazonas, naquele período da Segunda Guerra Mundial. Durante o período de 1940, a presença das mulheres transformou os modos de trabalho nestas localidades, surgindo outras formas de sobreviver nas colocações.

Palavra Chave: trabalho, mulheres, seringais.

Abstract: We sought to investigate how women participated in the workplaces of the rubber plantations within the region of the State of Amazonas during that period of World War II. Realizing that during the period of 1940, the presence of women ended up modifying the ways of working in these locations, other ways of surviving in the settings emerged.

Keyword: work, women, rubber trees.

Na década de 1940 a Amazônia torna-se alvo de interesse do governo, tendo em vista que o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial, sendo necessário colaborar para o esforço de guerra dos Aliados. Com os Estados Unidos inserido na Segunda Guerra Mundial, e também com os países asiáticos produtores de borracha, afetados pela invasão do Japão, ocorreu uma preocupação com os rumos que a produção da borracha iria tomar. Os Estados Unidos passaram a se preocupar com o desenvolvimento do comércio da borracha na Amazônia, levando em consideração a grande importância do produto para a fabricação de artigos para a guerra (GARFIELD, 2009, p. 20).

O recorte temporal escolhido busca propriamente tentar trazer à tona a história dessas trabalhadoras, buscando entender como essas mulheres, que durante algum tempo ficaram invisibilizadas dentro das matas, se articulavam e traçavam estratégias de

sobrevivência dentro das colocações, principalmente através da produção de gêneros alimentícios para consumo.

Nos *Relatórios do comércio do Amazonas*¹ da década de 1940, podemos destacar alguns indicativos de que o governo preocupava-se em produzir borracha, mas também existia incentivos para que fossem produzidos outros alimentos. Através do andamento da pesquisa percebemos como a mulher estava bastante ligada ao trabalho de roça, não que não esteja inserida em outras atividades, mas a atenção para o serviço de agricultora como uma possibilidade de sobrevivência e venda daquela produção, parece ser de grande importância para essas famílias.

Através das entrevistas de homens e mulheres, entendemos como muitas famílias iram permanecer sobre o mesmo sistema de trabalho, mesmo após a Segunda Guerra Mundial, trabalhando para os patrões dentro desse regime de exploração. Posteriormente com o avançar da crise da borracha, à medida que o comércio fica insustentável e os patrões abandonam seus barracões, essas famílias que já estão acostumadas à vida na mata, encontraram nela meios de sobreviver. Não excluímos aqueles que se retiraram cansados da vida dentro dos seringais, do trabalho pesado na agricultura e ainda àquelas que buscaram nas comunidades no Amazonas, melhores condições de vida e estudo para seus filhos.

Importante ressaltar que o ponto de partida dessa pesquisa tem como base a história de vida de minha avó Altina Lopes, que migrou do Ceará ainda muito jovem para trabalhar no barracão localizado no Pauini, partindo juntamente com sua família em uma embarcação onde se encontravam mais oito famílias, dispostas a ir trabalhar nos seringais do Amazonas.

A partir de muitas histórias que eram contadas por Dona Altina, e posteriormente por outras mulheres, despertou o meu interesse pela presente pesquisa, percebendo que seria possível através da história oral, entender não só os trabalhos que eram realizados por essas mulheres, mas também seu cotidiano, dificuldades de viver e sobreviver nas matas Amazônicas.

É importante ressaltar que a história das mulheres, como uma temática própria da História, tem seu período de ebulição por volta de 1970, com o crescimento dos movimentos feministas, que contribuíram para o crescimento deste campo de estudos:

¹ Relatório da Diretoria da Associação Comercial do Amazonas. Ano social 1942. Rio de Janeiro, p. s/n – Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil.

“Apoiada a explosão do feminismo e articulada ao crescimento da antropologia e da história das mentalidades, incorporando as contribuições e dos aportes das novas pesquisas sobre memória popular. Esse foi período chave dessa produção intelectual: as militantes dos movimentos feministas fazem a história das mulheres antes mesmo que as próprias historiadoras a façam (DAUPHIN, FARGE, PERROT, 2000, 8”.

Nos anos 1980 já passa a contar com um número crescente de publicações, contribuindo consideravelmente com a discussão acerca da formação da temática história das mulheres e das relações de gênero.

Soihet e Pedro (SOIHET & PEDRO, 2007, 282) evidenciam como o campo histórico citado acima vem se consolidando, passando por modificações e enfrentamentos, ao passo que identificam o empenho de uma gama de pesquisadoras que realizaram suas contribuições na década de 1980 em diante, preocupadas em problematizar a discussão dentro das academias através de eventos, publicações em revistas, dentre outros meios utilizados que foram, no decorrer do tempo, modificando-se e agora inserindo outros estudos de gênero, fazendo emergir essas questões, até o tempo presente².

Vale a pena citar algumas autoras que contribuíram para os avanços dos estudos de gênero na região Norte.

Uma das pioneiras nas pesquisas sobre relações de gênero na região Norte, Cristina Wolff (WOLFF, 1999) com seu trabalho voltado para as mulheres na região do Alto Juruá, buscando dar visibilidade as vivências e presença dessas mulheres nos seringais do Acre. Também são importantes os estudos de Maria Luiza Ugarte que em sua tese de doutorado analisa a presença das mulheres através dos periódicos do Amazonas. No mesmo já trazia discussões importantes não só sobre as mulheres no espaço da cidade, como também nos seringais que são em regiões mais afastadas, chamando atenção para questões como:

“Embora explícita nos seringais do interior amazônico, onde se via acobertada pela truculência do mandonismo local, a redução da mulher à condição de mercadoria interferia igualmente na condição feminina no interior das cidades. Com a expansão gumífera, Manaus adquiriu características de cidade cosmopolita, mas isso incluía também, embora

2 Cotidiano e poder. São Paulo: Brasiliense, 1984. RAGO, Luzia Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985 LEITE, Miriam Moreira (Org.). A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1984, ainda contamos com trabalho da própria autora SOIHET, Rachel. Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, dentre muito outras pesquisas.

pouco se falasse, a ampliação do meretrício para níveis alarmantes (UGARTE, 2001, 225).”

Dito isso sabemos que nesse período, segundo Cristina Wolff boa parte das mulheres que eram enviadas como mercadorias para os seringais do Amazonas, vinham da cidade de Manaus, em meados do século XIX as regiões onde vão se encontrar os seringais tinham em sua maioria trabalhadores homens. Devido a isto a mulher era usada como mercadoria, uma vez que os seringueiros que adquirissem os serviços de uma meretriz contraíam uma dívida enorme junto aos barracões (WOLFF, 1999).

Os pesquisadores(a) Antonio Emilio Morga e Mônica Lage (MORGA & LAGE, 2015) nos apresenta uma visão interessante das mulheres nos seringais no século XIX. Trabalhando com cotidiano e afetividades evidenciam um universo plural de como viviam essas mulheres nesse período.

Pesquisando a região do Acre, Aldemira Ferreira (FERREIRA, 2015) busca falar da experiência das trabalhadoras na década de 1980, também se utilizando de fontes orais. A autora ressalta o trabalho feminino das mulheres acreanas que aos pouco vão se envolvendo em trabalhos que eram considerados masculinos, principalmente no corte da seringa, trabalhando em longas estradas para colher seringa, vendiam a mercadoria por preços considerados baixos, a pesquisa denota as relações entre homens e mulheres se propondo a contar a história de mulheres no Acre no período citado.

Podemos então perceber como são ricos os trabalhos que tem dado importância às relações de gênero na região, no entanto creio que ainda há muito o que ser pesquisado, em se tratando de gênero uma categoria onde os estudos estão se tornando cada vez mais amplos, ainda mais quando pretendemos examinar a extensão da Amazônia e suas varias comunidades.

Podemos então perceber como são ricos os trabalhos que tem dado importância às relações de gênero na região, no entanto creio que ainda há muito o que ser pesquisado, em se tratando de gênero uma categoria onde os estudos estão se tornando cada vez mais amplos, ainda mais quando pretendemos examinar a extensão da Amazônia e suas varias comunidades.

As mudanças nas escritas de história do trabalho na década de 1980, sobretudo com a influência de Thompson e seus estudos sobre o “fazer-se” da classe trabalhadora inglesa, Thompson aborda esses movimentos levando em consideração a experiência

desses trabalhadores, o contexto em que estão inseridos e suas dificuldades. Assim como influenciou gerações a pensar a história do trabalho com outros olhos, também nos utilizamos desse aporte teórico para pensar os trabalhadores e trabalhadoras dentro dos seringais levando em consideração suas experiências e seu cotidiano.

A historiografia vem demonstrando interesse em pesquisar temas que tratem da categoria de trabalhadores que estavam à margem, valorizando sua cultura, suas práticas de luta, suas vivências no mundo trabalho.

Edward Palmer Thompson aborda os movimentos das camadas mais pobres entre XVIII (THOMPSON, 1998.), levando em consideração a experiência e costumes desses sujeitos, o contexto em que estão inseridos e suas dificuldades. Assim como influenciou gerações a pensar a história com outros olhos, também nos utilizamos desse aporte teórico para pensar os trabalhadores e trabalhadoras dentro dos seringais levando em consideração suas experiências e seu cotidiano. Thompson é referência sobre os estudos que envolvem discussões em torno de cultura popular e cultura dominante, para o autor muitos costumes dos trabalhadores XVIII eram reforçados através de protestos populares (THOMPSON, 1998. p. 13).

Acerca de cultura Thompson fala que ela pode ser também um processo de troca entre, por exemplo, o *dominante e subordinado, o escrito e oral* (THOMPSON, 1998, p. 17), diante de um processo de conflito torna-se um sistema. Thompson também nos chama atenção para a questão da experiência dos indivíduos, segundo o autor é através dessa categoria que podemos entender a formação desses sujeitos, suas práticas e costumes, ao cruzar essas categorias o autor aponta que:

“Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esse sentimento na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas (THOMPSON, 1998, p. 13)”

A experiência ajuda a entender como os sujeitos romperam com condições que lhes foram obrigadas. Nesse sentido Gerson Albuquerque pautado nas reflexões de Thompson busca entender as pluralidades desses trabalhadores, afirmando que:

“Desse modo “cultura seringueira”, assim como cultura popular de uma maneira geral, vem carregada de significados que se dão historicamente na vivência de grupos sociais, sendo vista como todo um modo de vida, trabalho, luta num processo de constante mudança e transformação. (ALBUQUERQUE, 2005, p. 36.)”

Observamos como a “cultura de seringueiro” se tornou uma categoria útil para esta pesquisa, tendo em vista que notamos nas fontes orais como essas famílias estavam se reinventando nesses espaços desses trabalhos, e por vezes entrando para a categoria de seringueiro ruim, pois se organizavam e através da produção de excedentes conseguiam enfrentar os seus superiores, em um processo de resistência silencioso que resultava em prejuízo para os patrões.

Deste modo, buscamos analisar fontes orais de mulheres e homens que viveram nos seringais, em diferentes regiões no Amazonas, ainda que ao longo da pesquisa façamos uso de outras fontes, entendemos que as fontes orais trazem um peso maior em se tratando de demonstrar a importância do trabalho feminino dentro deste período 1940-1950.

Através do trabalho no âmbito da memória explora-se, neste caso, a vivência, as memórias e as histórias das mulheres nos seringais, considerando-se que a memória envolve experiências, emoções e sensibilidades, este trabalho de compreensão da vida de pessoas de setores subalternos não poderia ser realizado caso não se recorresse à entrevista. Como aponta Portelli, “*os excluídos, os marginalizados, os sem-poder sim, têm voz, mas não há ninguém que os escute*” (PORTELLI, 2009, 2). Acredito que escutar e observar a humanidade destas pessoas é algo que tão somente recorrendo a periódicos, por exemplo, e tendo em conta o tema tratado, não poderia ser resgatado.

O Cotidiano de trabalho:

Com a presença do trabalho feminino nas matas, foi possível se dedicar a agricultura e ao corte da seringa, mesmo com os patrões tentando enraizar na mente dos trabalhadores que a produção da borracha era prioridade (WOLFF, 1999).

Nesse contexto foram reinventadas novas formas de sobrevivências nas colocações, contanto com aquilo que era produzido dentro dos próprios seringais e com aquilo que poderia ser adquirido em meio à mata Amazônica. Na relação com ambiente em que viviam, essas mulheres foram aos poucos se tornando peças fundamentais para assistência de suas famílias nos seringais.

As mulheres vindas de outras regiões ou nascidas nos seringais, dentro das colocações, desde muito cedo já tinham uma rotina de trabalho. Contanto com o tempo para cada coisa, para cada colheita, para o corte da seringa.

Por conseguinte percebemos como os modos de trabalho ainda estão vivos na memória dessas mulheres, já que o seu cotidiano de trabalho estava em torno de sua sobrevivência nas colocações e nos barracões. Dessa forma, sua rotina girava a maior parte do tempo em torno do trabalho.

As que trabalhavam nas colocações ao mesmo tempo em que produziam para os seringalistas, experimentavam certa liberdade criando suas formas de resistência, pois segundo Gerson:

“A diferença é que no mundo em que vivem, os personagens dessas histórias ganham forma no silêncio, na solidão e nos seus modos de relacionamento com a floresta. Em sua compreensão de mundo, eles ganham concreticidade porque se articulam com os significados da preservação da existência humana, com suas tradições e valores, significados que fazem parte de seus modos de vida em constante reelaboração (ALBUQUERQUE, 2005, 60).”

Gerson Albuquerque (ALBUQUERQUE, 2005, 60), pesquisando acerca da história de resistência desses trabalhadores do Rio Muru, destaca suas vivências na mata, demonstrando uma história de lutas, de solidariedades entre essas famílias. Segundo Albuquerque os seringueiros, dentro dos seus territórios de produção, a mata, buscavam estratégias de burlar o sistema, desviar a produção e negociar mercadorias longe dos olhos do patrão, realizando fugas ou reivindicações por melhores preços. Tudo isso simboliza a resistência nas colocações, dentro de suas experiências de trabalho, rompendo com o medo presente e apresentando formas de reação contra os patrões.

Resistência nesse sentido silenciosa, não necessariamente de enfrentamento direto com o patrão, mas sim criando estratégias para romper com a dominação dos donos dos seringais. Dessa forma eles estavam burlando o sistema imposto de troca dos barracões e buscavam alternativas.

Segundo Maria Freitas (FERREIRA, 2004) essas mulheres estavam longe de serem apenas donas de casa e mães de famílias, onde a figura do homem é o único responsável pelo sustento da casa, a autora destaca a questão da resistência da mulher quebrando esse domínio do marido e aprendendo a realizar trabalhos dentro da mata como o corte da seringa.

A divisão entre trabalho produtivo relacionado com os homens e o trabalho reprodutivo vinculado à mulher já está enraizado em nossa cultura. Há uma ideia de que o trabalho feminino é complementar ou menor. Por isso não se tem essa visão que o trabalho feminino é primordial, sem levar em consideração que antes esses trabalhadores não conseguiam realizar outras tarefas além da coleta da seringa e que, portanto, acabavam consumindo em maior quantidade produtos nos barracões. Só que com a presença da família, nesse segundo momento de produção da borracha, toda a família é inserida nessa dinâmica de trabalho, deste modo o trabalho delas não é meramente complementar e sim central dentro dessas regiões do Amazonas.

Mesmo as mulheres iram cortar seringa, cortavam em menor quantidade, que os homens, pois elas em sua maioria se preocupam em cortar nas regiões mais próximas das colocações, de suas casas, por conta dos filhos. Sem contar que o faziam com ferramentas mais velhas, doadas pelo marido, e com isso sua produção seria de menor escala se comparada ao do homem (WOORTMANN, 1998, 21).

Ainda assim, para demonstrar a importância do trabalho feminino no corte da seringa, temos uma matéria de 1946 do *O Jornal* que trás uma notícia de uma mulher que teria sido recordista de produção de borracha naquele ano:

“Uma Jovem Seringueira recordista na Safra da Borracha: esta em Manaus a senhorita Maria Izabel Vidal
Fomos informados de que pelo navio “Rio Aripuanã, recentemente chegada a Manaus, de regresso de sua viagem ao rio Juruá, havia chegado como passageira, uma menina que trabalhando na extração da borracha, houvera colhido 828 quilos, o que representa uma quantidade Record, principalmente em se tratando de uma menor.
Trata-se, de fato, de uma menor que ainda não completou os 15 anos.³”

É importante ressaltar que o caráter da matéria, nos revela o intuito de atrair trabalhadores para os seringais mesmo em 1946, tanto que na mesma matéria é elucidada a vontade da menina de voltar para os seringais para conseguir mais saldos, uma vez que sabemos que na prática poucos conseguiam ter saldo positivo.

No entanto a matéria sobre Maria Izabel e o quantitativo de borracha que a jovem teria conseguido, reflete a história de muitas meninas e mulheres que após problemas de morte dos homens da família começaram a cortar seringa. No caso de Maria, seu pai adoeceu e não conseguia mais trabalhar. Também nos revela que muitas

3 Jornal O Jornal, Domingo 10 de Fevereiro de 1946. Encontra –se digitalizado no Instituto Durango Duarte e Impresso na Biblioteca Publica do Amazonas.

mulheres começaram a trabalhar muito jovem na região. As crianças em sua maioria acompanhavam suas mães, ficando responsáveis em ajudar nessas tarefas de agricultura ou neste caso do corte de seringa, como foi o caso de Ana Xavier uma das nossas entrevistadas⁴.

Quanto ao fato informado na matéria do jornal, de que ela estaria hospedada na casa dos patrões, é outro ponto importante, pois era comum que os patrões de alguma forma buscassem tratar de forma diferenciada aqueles que se dedicavam somente a extração da borracha, eram obedientes e, por tanto, eram considerados como “bons seringueiros” (ALBUQUERQUE, 2005, 30- 60). Talvez as mulheres de alguma forma também entrassem neste sistema e buscassem também ser “boas seringueiras” se dedicando somente a extração do látex.

Entretanto ao passo que essas trabalhadoras cortam seringa, também são agricultoras, coletoras de castanhas, coletoras de frutas, defumam borracha, realizam diversas tarefas.

É importante lembrar, que no período que a borracha não era cortada, homens e mulheres se dedicavam as mesmas funções como coletar castanha, por exemplo, mesmo realizando o mesmo serviço, ocorre uma diferenciação do trabalho feminino, ainda colocado como menor. Em documentário colhido na década de 1990 por um grupo de estudantes, as mulheres narram suas trajetórias em seringais de Rondônia e os serviços que realizavam, ao passo que elas contam suas histórias, é colocado também à narrativa de homens, ilustrando que elas até poderiam fazer esses serviços, mas que eram serviços pesados, “*não era coisa que mulher deveria fazer*”⁵.

Por isso se fez necessário comprovar como essas mulheres começaram a buscar outras formas de se manter fora das dependências dos barracões. Além da borracha, a coleta da castanha, a produção da farinha e a manutenção de uma roça são exemplos claros de mercadorias que eram vendidas nos regatões e também armazenadas para consumo próprio (WOORTMANN, 1998, 14-38).

4 PINTO, Ana Xavier. Ana Xavier Pinto. Depoimento [15 Novembro. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

5 Documentário por Alejandro Ulises Bedotti e Maria Luzia Ferreira Santos. Refere-se ao produto final de pesquisa na área de Geografia Humana realizada pela Fundação Universidade Federal de Rondônia, com apoio do CNPq.1996.

Como relata, Ana Xavier após a morte do pai, ela começa a exercer a atividade do corte da seringa nas regiões mais afastadas, depois de casada, continuará trabalhando na lida de coleta do látex e outras atividades:

“(...) por que o serviço mais pesado que tinha, era você corta seringa, brincadeira mana eu saía de madrugada, o Anibal (marido de Ana Xavier) saía duas horas da Madrugada pra estrada, dava um rodo, quando chegava oito horas do dia chegava em casa, aí almoçava, ficava um pedacinho virava pra trás, chegava em casa quatro horas, quatro e meia, com o leite, ia colher, aí defumar, guardava, botava a borrachinha lá, vamos pro lago, vamos mariscar...”⁶

Organizavam-se de modo que envolvia toda família nos afazeres diários, trabalho esse que se fazia necessário, haja vista que o seringueiro passava muito tempo fora na realização deste e outros serviços. A entrevistada Consuelo Ladislau Pereira, afirma que a família de sua mãe eram de agricultores dentro dos seringais, seu pai cortava seringa no Anori, ela descreve com que trabalhavam na região:

“Com feijão, arroz. Elas plantavam, eles eram agricultor, era assim cuidava daquelas pessoas, cozinhava, matava boi e tudo porco, galinha, ela fazia pros que tavam trabalhando com eles, do nordeste também”⁷.

Essas mulheres também eram responsáveis pelo serviço de defumação. O látex, esse processo era realizado dentro dos tapiris, outro serviço que poderia ser realizado também por mulheres, que ficavam expostas a fumaça. Francisca Ribeiro trabalhadora do seringal, evidência esse serviço:

“(...) ele cortava seringa e eu ficava em casa com os meninos, aí quando era de tarde que ele chegava com o leite, ajudava ele defumar, fazia borracha(risos) defumar né, no tapiri⁸ né, aí deixava nós defumando eu mais o Jucelino (filho de Francisca) e ele ia atrás de matar um bicho pra nós comer, caçar.

Aí quando ele chegava, nós já tinha acabado de defumar a borracha, aí no outro dia ele saía quatro horas da madrugada pra cortar, ele ia cortando e ia botando aquela tigelinha na árvore né, aí quando acabava de corta tudinho meio dia ele voltava colhendo, já o leite no balde né. Aí quando ele chegava, já era de tarde né, umas quatro horas ele chegava com o leite, aí ele deixava nos defumando, eu mais o Jucelino (filho) e ele ia atrás de uma comida, mata uma caça pra nós jantar...”⁹

6 PINTO, Ana Xavier. *Ana Xavier Pinto*. depoimento [15 Novembro. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

7 LADISLAU, Consuelo. Consuelo Ladislau [10 Abril. 2016]. Entrevistadora: Jéssyka Sâmia, Manaus: Amazonas, 2016.

8 Palhoça onde era feita a defumação. Dicionário online de Português. Página consultada em 15 de fevereiro de 2017 <https://www.dicio.com.br/tapiri/>.

9 RIBEIRO, Francisca das Chagas. *Francisca das Chagas Ribeiro*. depoimento [10 Fevereiro. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

Apesar dos perigos na defumação da borracha, onde muitos adoeciam por causa da fumaça, vemos como as mulheres assumiram alguns serviços nas colocações tais como a defumação e a coleta de seringa, mas também estas famílias conseguiam ter tempo para caçar, para cultivar roça, diminuindo assim o consumo nos barracões.

Não estamos afirmando que os produtos deixaram de ser consumidos por essas famílias, estamos esclarecendo essa nova divisão de trabalho e também práticas que eram mantidas por essas mulheres, que possibilitaram uma nova forma de romper com a dependência desses produtos do barracão.

A lida na roça, a produção da farinha para troca e consumo, a castanha, todos foram evidenciados como um trabalho muito pesado, cansativo, muito ligado ao trabalho de mulheres e crianças, conforme percebemos no depoimento de Francisca Diogo ao descrever um dos processos de fazer a farinha que eram realizados por sua mãe, juntamente com o seu auxílio:

“Era outro serviço, em roça, ela fazia roça. E aí a gente faz o roçado e depois planta maniva¹⁰, aí chega o tempo ela vai colher né, aí dali que sai a farinha, da maniva, aí ela cria uma batata né, aí daquela batata que sai a farinha, era o serviço dela era esse, o dele era de seringueiro e o dela era em roça...

Era, da farinha que saía a goma, farinha de tapioca, fazia, é (pausa), farinha de tapioca, qualquer coisa que você quisesse fazer, pé de moleque que chama.

Mas a farinha era bem complicada né, você põe uma parte de molho dentro da água, que é pra poder, pra ela amolecer, aí você vai arrancar outra parte e raspa, ceva, no cevado, aí depois você mistura aquela farinha que ta raspada com aquela que ta mole, que amoleceu, aí depois disso a gente coloca dentro de um tipiti¹¹ que chama tipiti, aí depois coloca pra escorrer a água, depois que escorre aquela água, aí você vai peneirar tudinho, aquela massa, vai peneirar ela, depois que ela ta peneirada, aí você já fez o fogo, embaixo do forno, aí você vai jogando aquela massa, aos poucos assim, vai jogando vai mexendo, vai jogando vai mexendo, com pouco fogo, até ela ficar torradinha, aí depois que lá, ficar torrada já ta pronta, aí já ta boa...¹²”

Antônio Guimarães apresenta o processo de produzir a farinha em que sua mãe trabalhava plantando maniva¹³ e produzindo farinha, diferente do primeiro depoimento, neste caso contava com a ajuda de toda família:

10 Dicionário online de Português. Página consultada em 15 de fevereiro de 2017 - <https://www.dicio.com.br/maniva/>.

11 Cesto cilíndrico de palha em que se mete a mandioca para ser espremida. Dicionário online de Português. Página consultada em 15 de fevereiro de 2017 - <https://www.dicio.com.br/tipiti/>.

12 JESUS, Francisca Diogo. Francisca Diogo Jesus. Depoimento [06 Abril. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

13 Pedaco de rama de mandioca.

“Nessas alturas, os adultos era torrar a farinha no fogo, puxar roda, puxar roda era pra cevar, manual né. Puxar a roda, botar a massa feita na prensa, pra espremer pra secar ela, pra poder peneirar e daí pra torrar, o serviço era isso. Aquela mulherada tudinho lá embaixo da casa de farinha um galpão grande e coberto de palha, descasca tudinho, lava e vai dois homens pra roda e um cevando, cevando, aquela massa vai pra prensa, acocha ela um terminado tempo uns minutos, meia hora, aí ela seca aquela água, aí suspende aquele pau que imprensa ela, aí vai pra peneira para peneirar, aí é que vai pro forno pra torrar, isso é o serviço da farinha...”¹⁴

Dentro de todas essas etapas, percebemos o grau de exigência desses processos, tendo em mente que sem a ajuda de toda família (em alguns casos ajuda de outras famílias) a produção seria muito difícil. Neste processo a participação maior seria das mulheres e crianças, já que o homem passava horas dentro da mata cortando seringa.

Conforme Consuelo Ladislau aponta que foi poucas vezes ao local onde era extraído o látex. Ela ficava na área rural esperando o marido, ou a família do pai que cortava seringa em uma região chamada de Morada Nova, próximo ao Anori, Consuelo enfatiza que os homens de sua família, demoram até três ou quatro meses para voltar¹⁵.

Quando não estava no tempo de cortar, os homens auxiliavam em outros serviços, buscando fabricar sua farinha para o consumo ou para trocar nos regatões. Como afirma Ana Xavier: “Podia plantar mandioca, nós fizemos uma casinha de farinha, aí nos plantava mandioca, fazia farinha, ninguém comprava farinha... era cara que só o diacho”.¹⁶

A importância de produzir gêneros alimentícios se tratava de algo primordial para a sobrevivência dessas famílias. A pesca, colher frutas e outras atividades, implicavam em uma resistência silenciosa, que por vezes irritava os patrões, pois à medida que se consumiam alimentos cultivados, não seria necessário comprar toda a alimentação nos barracões, trazendo para as famílias a esperança, de saldar sua dívida e conseguir receber ao final do serviço.

Outros alimentos também eram cultivados tais como milho, feijão, tabaco. No entanto a memória dos entrevistados e entrevistadas está muito presente no processo de plantio de maniva e fabricação da farinha, justamente porque este é um trabalho não muito diferente dos demais, mas que necessita da cooperação de todos da família,

14 GUIMARÃES, Antônio. Antônio Guimarães. Depoimento [06 Abril. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

15 LADISLAU, Consuelo. Depoimento [10 Abril. 2016]. Entrevistadora: Jéssyka Sâmia, Manaus: Amazonas, 2016.

16 PINTO, Ana Xavier. *Ana Xavier Pinto*. Depoimento [15 Novembro. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

principalmente das mulheres que preparam o solo para o plantio e cuidam daquele roçado.

As castanhas também eram colhidas e tratadas por essas trabalhadoras, conforme aponta Marcelina Teixeira, trabalhadora do seringal narrando que foi o leite da castanha, que ajudou a alimentar seus filhos na floresta¹⁷.

Estas famílias sofriam pressões por parte do patrão, mas não eram vítimas passivas. Tinham uma rotina de trabalho exaustiva e necessária sobre constante preocupação com o patrão que poderia, caso pegasse o seringueiro vendendo borracha para o regatão, o expulsar e confiscar toda a produção daquela família. Essa era uma possibilidade entre outras práticas violentas para manter as famílias presas aos seringais. No entanto mesmo assim faziam todos esses serviços, na tentativa de consumir o mínimo no barracão e adquirir outros gêneros alimentícios, sobre os abusos por parte dos patrões Marcelo Pereira indica:

“Todavia, em épocas onde o preço da borracha encontrou-se vantajoso no mercado – principalmente durante o “áureo” período de 1870 a 1912 e de 1943 a 1945 – muitos seringalistas proibiam o cultivo da roça, pois entendiam que todo o esforço produtivo devia ser direcionado à seringa. Outros seringalistas não proibiam sob a condição de a produtividade do trabalho não ser comprometida. Tal condição obrigava o seringueiro a aumentar sua jornada de trabalho. A desobediência por parte do seringueiro podia custar-lhe a vida ou pelo menos castigos severos. Muitos seringueiros acabaram por deixar por completo o trabalho no seringal – após quitarem sua dívida no barracão, algo muito raro – e migraram de vez para a agricultura (PEREIRA, 2012, 243).”

Foi através daquele trabalho coletivo, contando com a participação em maior parte dessas mulheres que foi possível realizar o cultivo de outros gêneros alimentícios longe do controle do patrão.

As mercadorias produzidas poderiam ser vendidas para comunidades vizinhas e também para barcos próximos na região, conforme aponta Ana Xavier: *“Plantava as coisas e ia vender no cruzeiro, a gente plantava, pegava peixe e ia vender no cruzeiro”*¹⁸

17 Trecho de entrevista de Dona Marcelina Texeira, trabalhadora no seringal. Colhido pelo Jornal Eletrônico *O Povo Online*. Página consultada em 20 de janeiro de 2017(<http://especiais.opovo.com.br/soldadosdaborracha/>).

18PINTO, Ana Xavier. Ana Xavier Pinto. Depoimento [15 Novembro. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

O Jornal do Comercio de 1945, já no período da crise, apresenta uma matéria em tom de denúncia, evidenciando que os trabalhadores nordestinos, atrapalhavam o comercio dos ribeirinhos porque vendiam suas mercadorias¹⁹.

A venda dos produtos agrícolas, ao que parece, veio a se torna uma alternativa para essas famílias para conseguir se sustentar na região.

Muitas outras atividades de trabalho são realizadas dentro das matas Amazônicas, levando em consideração a infinidades de frutas, arvores, ervas e rios que nos revelam um ambiente bem amplo de afazeres, levando em consideração cada região da Amazônia.

Sabendo que as mulheres estão inseridas nestes trabalhos mesmo após a Segunda Guerra Mundial, podemos constatar sua participação para o desenvolvimento da agricultura de subsistência na região e também para a venda.

O Açaí por exemplo, que é um fruto que tem grande valor comercial para a região Norte e que é utilizado na fabricação de diversos outros produtos derivados do açaí, desde óleos, sabonetes, sorvete e seu consumo puro. Destacamos o trabalho feminino na colheita do açaí em áreas de seringais, em pesquisa recente constataram através de fontes orais, a participação de mulheres que trabalhavam extraíndo açaí para seu consumo e de sua família, evitando assim consumir nos barracões (CORRÊA, OLIVEIRA & TADA, 2015, 439).

Contudo sua remuneração ficava a parte, naquele período em que se trabalha em troca basicamente de bens básicos, as mulheres ficaram minimizadas quanto ao reconhecimento de seu trabalho.

De acordo com o que analisamos, essas mulheres não só tiveram uma jornada de trabalho exaustiva dentro dos seringais, como também conseguiram manter as suas famílias e também tiveram que tomar decisões visando estratégias para se manter longe do consumo proporcionados pelos barracões, principalmente porque em alguns casos foi inviável comprar nesses estabelecimentos.

Além disso, evidente que as relações de trabalho eram diferentes, o trabalho feminino ainda é visto como algo complementar, aquela que presta uma ajuda, que realiza o serviço doméstico, que cuida dos filhos, entendendo como é desigual a visão do trabalho realizado por homens e mulheres.

¹⁹Jornal do Comercio, 31 de Outubro de 1945. Encontra-se na biblioteca publica de Manaus e digitalizados no portal do Jornal do Comercio.

É importante que a história redima esse silêncio acerca do trabalho feminino, pois neste caso essas mulheres ficaram invisibilizadas dentro das colocações e dos barracões durante anos, mas acabaram se tornando o eixo daquelas famílias que viveram e vivem nas florestas do Amazonas, justamente porque desempenhavam vários papéis.

Referências:

- ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues. **Trabalhadores do Muru, o rio das cigarras**. SOIHET, Rachel. **História das Mulheres**. Rio Branco: EDUFAC, 2005.
- DAUPHIN, Célia, FARGE, Arlette, PERROT, M. **A história das mulheres. Cultura e Poder das Mulheres: Ensaio de Historiografia**. Tradução de Rachel Soihet. Rosana M. A. Soares e Suely Gomes Costa. Gênero. NUTEG- Núcleo Transdisciplinar dos Estudos de Gênero. 2º. Sem 2001- vol.2, n.1(2 sem 200), Niterói : Ed. UFF, 2000.
- FERREIRA, Maria Liége Freitas. **Mulheres no Seringal: submissão, resistência, saberes e práticas (1940-1945)**. VIII Simpósio Internacional Processo Civilizador, História e Educação. Paraíba, 2004.
- ALMEIDA, Aldemira Ferreira. **Mulheres trabalhando em seringais (1960-1980)**. revista Insurgência, Brasília. ano 1. v.1, n.2, 2015.
- FILHO, Cosme Ferreira. **Amazônia em novas dimensões**. Manaus: Conquista, 1961. Pag 266. In: LEAL, Davi Avelino. **Por uma arqueologia dos seringais**. Canoa do tempo (UFAM), v. 1, p. 205-2201, 2007.
- GARFIELD, Seth. **A Amazônia no imaginário norte-americano em tempo de guerra**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 29, nº 57, 2009.
- LAGE, Mônica Maria Lopes. **Mulher e Seringal: Um olhar sobre as mulheres nos seringais do Amazonas (1880-1920)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.
- LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. **Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas**. Dissertação de mestrado. Ufam: Manaus, 2013.
- MCGRATH, David. **Parceiros no Crime: regatão e a resistência cabocla na Amazônia tradicional**. Novos Cadernos NAEA vol. 2, nº 2 - dezembro 1999.

- MORGA, Antonio Emilio e LAGE, Mônica Maria Lopes. **Mulheres nos Seringais do Amazonas: sociabilidade e cotidiano.** Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p. 91 - 104, jan. / jul. 2015.
- NASCIMENTO, Maria das Graças. **O Trabalho silencioso da mulher no interior da Floresta Amazônica.** Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente- Março. - N° 11, Vol. II, 1998.
- PEREIRA, Marcelo Souza. **Servidão Humana na Selva: o aviamento e o barracão no seringal da Amazônia.** Somanlu, ano 12, n. 1, jan./jun. 2012.
- PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres.** São Paulo, editora Contexto, 2007.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros.** Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª.Ed , 1988.
- PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. Projeto História, São Paulo, (14) de fev. 1997.
- PORTELLI, Alessandro. **História Oral e Poder.** Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH, Fortaleza, 2009.
- PORTELLI, Alessandro (I). **O que faz a história oral diferente.** in Projeto História – Cultura e Representação. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. SP: Educ. Fevereiro/1997.
- PRATES, Rodolfo Coelho e BACHA, Carlos José Caetano. **Economia e Sociedade,** Campinas, v. 20, n. 3 (43), p. 601-636, dez. 2011.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. **O seringal e o seringueiro.** 2º Ed. ver. Manaus. Editora da Universidade do Amazonas- Governo do Estado do Amazonas, 1997.
- SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. **Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história.** Curitiba: DAP, 2005.
- SECRETO, Maria Verônica. **Soldados da Borracha: Trabalhadores entre o Sertão e a Amazônia no Governo Vargas.** São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo. 2007.Soldados da Borracha.
- SOIHET, Rachel e PEDRO, Joana Maria. “**A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero**”. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, n° 54, jul – dez. 2007.

SOIHET, R. **História das Mulheres e História de Gênero - um depoimento.**

Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas/ São Paulo, v. 11, 1998.

THOMPSON, E. P.. Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

THOMPSON, E. P. A Miséria da Teoria. Rio: Zahar, 1981.

UGARTE, Maria Luiza. **Nos Meandros da Cidade: Cotidiano e Trabalho na Manaus da Borracha, 1880-1920.** ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.p 2

UGARTE, Maria Luiza. **Folhas do Norte: Letramento e periodismo no Amazonas(1880-1920).** Tese de doutorado(doutorado em História- PUC) Pontifícia Universidade Católica- São Paulo. 2001.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da Floresta: uma história: Alto Juruá, Acre(1890-1945).** São Paulo: Hucitec, 1999.

WOORTMANN, Ellen. Família, Mulher e Meio Ambiente no Seringal. In: Ana Maria Niemayer; Emilia Pietrafeza Godoi. (Org.). **Além dos Territórios: por uma troca entre a etnologia Indígena. Os estudos rurais e estudos urbanos.** São Paulo: Editora Mercado das Letras, 1998.

Recebido 4/5/2018. Aceito 10/10/2018.

Sobre autora e contato:

Agda Lima Brito - Doutoranda em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Uerj, bolsista FAPERJ

E-mail: agdaalencar.lima@gmail.com